

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

---

## DIRECTOR EFFECTIVO

Prof. Dr. ARISTIDES NOVIS

---

## REDACÇÃO

GONÇALO MONIZ, GARCEZ FROES, CAIO MOURA,  
J. ADEODATO, PRADO VALLADARES, MARTAGÃO GESTEIRA,  
CESARIO DE ANDRADE,  
FERNANDO LUZ, FLAVIANO SILVA, OCTAVIO TORRES.  
Professores da Faculdade de Medicina

---

## REDACTOR-SECRETARIO

Prof. ARMANDO SAMPAIO TAVARES  
Assistente da Faculdade de Medicina

---

## VOLUME 60

Numero 6 \* Dezembro de 1929

---

BAHIA

ESTABELECIMENTO DOS DOIS MUNDOS

35, Rua Conselheiro Saraiva, 35

---

1929

## SUMMARIO

---

DISCURSO DE POSSE—Do Prof. Armando Sampaio Tavares, Titular da 1. <sup>a</sup> Cadeira de Clinica Medica, na Faculdade de Medicina.....	Pag. 237
PARANÓIA QUERELANTE—Communicação á «So- ciedade de Medicina» pelo Dr. José Julio de Calasans, Docente-Livre de Clinica Psychiatrica da Faculdade de Medicina e Assistente Interino do Hospital de São João de Deus (Assistencia a alienados)...	» 255
CODIGO DE MORAL MEDICA .....	» 265
FALLECIMENTO—Prof. Josino Correia Cotias.....	» 275
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS.....	» 281

## ASSIGNATURAS

### Pagamento adiantado

PARA A CAPITAL	FÓRA DA CAPITAL
Por um anno . . 15\$000	Por um anno . . 20\$000
Por seis mezes . 8\$000	Por seis mezes . 12\$000

Numero avulso 2\$000

---

Os academicos de medicina pagarão apenas 12\$000  
por anno ou 6\$000 por semestre.

---

A redacção não se responsabiliza pelos artigos assignados.  
Unico agente para a França—*Societé Fermière des Annuaires*  
53 Rue Lafayette—PARIS.

---

### REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Chile n. 26-(1.<sup>o</sup> andar)

BAHIA

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

FUNDADA EM 1866

Vol. LX

Dezembro de 1929

N. 6

## DISCURSO DE POSSE

DO

**Prof. Armando Sampaio Tavares**

Titular da 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clinica Medica, na Faculdade de Medicina

---

Vale uma vida pelo ideal que ella encerra. \*

O ideal, senão a força, é pelo menos o momento della na feitura das grandes acções humanas. A' sua luz, se transfiguram as fórmulas, fazem-se patentes as energias, actualiza-se o potencial criador e vivificante, onde põem suas raizes as grandes obras do espirito humano.

Não se lhe conhecem barreiras, que a todas vence a sua virtude.

O intangível, para onde se alongam os olhos anciosos, cheio de esperança, se faz muita vez realidade palpavel.

Aquillo que só a imaginação concebe, num delineamento impreciso, por elle cobrará corpo e figura e se integrará no concerto das grandes acquisições.

Azas que transportam ao infinito o pensamento, o ideal é manancial inesgotavel do Bello e do Bom, esculpindo a arte e criando a esmola, elevando o trabalho

á dignidade de gozo, semeando os sorrisos entre os espinhos, sustento para a fé, para o amor e para a gloria.

\* \* \*

Em cada individuo, mora uma parcella de ideal.

William James, o grande philosopho do pragmatismo, procurando definir o ideal, assim se exprime:

«Um ideal deve ser concebido intellectualmente como alguma cousa que temos consciencia de que se encontra deante de nós e deve levar consigo aquella especie de expressão, de lucidez, de elevação que acompanha os factos intellectuaes mais sublimados».

De como se eutranha em cada qual essa chamma sagrada, nos adverte Ramon Y Cajal, apontando-nos como perigosos esses que se apegam á renuncia, na impotencia absoluta de luctar.

Assim, pois, grandes e pequenos a um ideal se arrimam nos roteiros que se traçam, vida a dentro e pelo tempo afóra.

\* \* \*

Aqui me vêdes, a esta hora, neste posto que se fizera, em longos e silenciosos annos, a corporificação do meu ideal. Doze annos passados, neste mesmo dia, filhos desta casa, commigo, seu companheiro, se lançavam no mundo para espalhar os bens dos ensinamentos aqui hauridos. Alguns já aqui se encontram, na missão sublime de ensinar. Chegou a minha vez.

É o cume da montanha, á cuja escalada sempre me pareceram escassas as proprias forças.

Eu me perguntaria, ainda agora, si não vivo neste

instante a delicia de um sonho, de que o acordar me faria sentir o travo de desillusão?

A vista se me turva ante o panorama que descortino e me sinto diminuido—*cousa ou nada*—no mirifico do scenario incomparavel, ante as scenas edificantes e grandiosas, em que se agitam as expressões dos que me cercam, na plenitude e perfeição de cada desempenho.

\* \* \*

Dou commigo, porém, entre vós.

Não vos espanteis do contraste. Ha dissonancias que completam e sublimam a harmonia.

Ao vosso brilho, maior realce dará a minha sombra.

Tambem eu me beneficio de vós. Os zeros adiante de um numero podem valer nonilhões. O proprio nada cáe assim no abysmo da relatividade.

\* \* \*

Não vos escondo, meus amigos, as alegrias deste instante.

No azul da minha crença, volvo-me para Deus agradecido, ante a graça desta mercê. «*Et exultat spiritus meus in Deo meo*».

A vós, que me sagrastes vosso equal, eu falo com o coração.

\* \* \*

Não sei de contingencia mais perigosa do que essa de dizer alguém de si mesmo.

Não vos inquieteis, porém, que dentro em pouço me

haveis de ver desaparecido, méra resultante atravez do tempo, embora fructo que desimente as excellencias da arvore, méra resultante da lição incomparavel de um exemplo, da assistencia paternal de um amigo que, se sobrepondo aos meus temores, me soube conduzir por sua vontade aonde me chamavam a minha ambição e o seu maior desejo.

Estaes ahi a adivinhar, e não haverá algum que o duvide, que vos quero dizer da influencia de Clementino Fraga em toda a minha carreira profissional.

O meu primeiro contacto com o mestre querido se fez no momento accidental de um exame, no meu primeiro anno de curso nesta Casa; o alumno desconhecido logrou de então suas sympathias.

Approximou-nos mais tarde Armínio Fraga, cuja amizade de irmão conservo entre os meus bens mais preciosos.

O aspirante de clinica se fez interno; as provas de confiança se avolumavam cada dia; no discipulo assim se accresciam as razões de gratidão. Mal terminado meu tirocinio academico, eis-me elevado á honra para mim inolvidavel de assistente do seu serviço, antes diria assistido, que o fui cada instante de minha vida, de encontro a cujos interesses elle sempre soube correr, na grandeza conhecida dos seus gestos. É beneficio que conhecem todos os que têm sabido ser seus amigos.

\* \* \*

Varias fôram as oportunidades em que me apontou o caminho de vossa companhia.

Não se conformava, sem protesto vehemente, com a attitude abstencionista em que os meus receios me

collocavam. Vendo-me com os olhos de mestre e de amigo, elle os tinha, a taes temores, como desarrazoados.

Estas foram, em todo o nosso convivio, as recriminações unicas que lhe ouvi.

\* \* \*

A Faculdade do Rio nos arrebatou Clementino Fraga. Honra para nós inestimavel, essa do Governo da Republica, pedindo á Bahia joia das melhores do nosso escritorio intellectual.

Com o nos rejubilarmos com tal honra, não se ha de lamentar menos o claro que deixou. Agora é que se sente este vazio, assumindo eu esta cadeira, que viveu do fulgor do seu prestigio incomparavel.

\* \* \*

Ao tempo da retirada de Clementino, da Bahia, reclamavam-me fóra da Faculdade interesses de outra ordem. Por isso, á insistencia do eminente Prof. Prado Valladares, para me conservar como seu auxiliar, oppuz as excusas de razão, até que cerca de dois annos após, me chamou novamente á effectividade das mesmas funcções na cadeira sob sua brilhante direcção.

Medindo as responsabilidades de um cargo tecnico, onde antes eu fóra collocado pelos motivos sós de coração, a negativa foi o meu primeiro movimento.

Presentes sempre os conselhos de Clementino, tive que lutar, largos dias, entre a obscuridade em que me aprazia estar e as responsabilidades a que, moralmente e em face da lei, a reintegração na actividade me compellia.

Para Clementino, já me ouvistes, o magisterio devera ser a finalidade dos meus esforços. Dahi a incunctada satisfação, com que festejou o convite altamente gentil do Prof. Valladares, que eu recebi, como uma homenagem menos á mim do que á Escola, de que eu era o minimo dos representantes.

Tres mezes não decorreram do meu retorno ás funções de assistente, que a vaga da 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clinica Medica, offereceu a Clementino ensejo de mais uma demonstração de amizade. Seu prestigio me assegurou o contracto da regencia desta mesma cathedra, em que hoje me empósso.

Pondo-me na necessidade moral de concorrer, afastava assim a possibilidade de deixar fugir mais este momento.

Accusae-o, pois, da culpa de me terdes a vosso lado.

\* \* \*

Da influencia de Clementino Fraga em minha vida eu vos disse apenas os traços mais salientes. Ainda assim, o vosso espirito terá medido as razões para que meu coração o guarde no melhor da minha gratidão.

\* \* \*

Não foi Clementino sómente o amigo de todos os instantes até ao sacrificio, no qual nenhum appello meu morreu sem echo. Foi tambem o mestre inexcedível.

O nada que sou se constituiu a seu lado.

São cerca de 10 annos vividos sob sua influencia immediata. Ella, porém, é dessas que o tempo não apaga; eu a sinto a cada hora.

Sentem-n'ó todos aquelles que delle se approximaram e lhe reconhecem o professor integral no talento, no conhecimento profundo, na visáo clinica perfeita, na capacidade didactica mais completa.

Quando me volvo hoje para meus discipulos, procurando seguir os dictames dos seus conselhos, é para recordar, a cada passo, como os seus diagnosticos ali se estabeleciam, de prompto, immediatos, na segurança dos methodos clinicos, quase sempre confirmados no laboratorio ou na mesa anatomica. A eloquencia no transmittir, claro, preciso, seguro; querendo que o alumno visse e ouvisse, aprendesse á propria custa, na comparação dos casos, na sua discussáo *in concreto*, nas vantagens ou desvantagens therapeuticas,—completava as suas characteristics de verdadeiro Mestre.

Os que cercaram a Clementino se lhe prenderam em absoluta afeição.

Elle tinha o condáo de se fazer admirado e querido. Em sua escola, que se fez uma familia, a veneração ás suas qualidades, não annullava a livre analyse das suas idéas. Queria-as, antes, discutidas, para a justa apreciação das capaciaes de cada qual.

A cada um trazia o estimulo do seu incentivo. A victoria dos seus sempre a sentiu como si fôra sua propria.

\* \* \*

O mais apagado, mas não o menos devotado, dos que lhe ouviram os sabios ensinamentos sente ainda agora o prazer inexprimivel de repetir as palavras que lhe ouvistes. Ellas são as de hoje na continuidade da gratidão, que bem reconhece a amplitude do beneficio.

E assim, vale-me hoje reiterar o mesmo que escre-

vera em 1917, ao transpôr 'para a vida profissional os humbraes desta casa :

«Tardos e hesitantes os passos que me fôram introduzindo nos domínios da clinica, houve de me amparar a sua mão que sustenta, o seu coração que anima, o seu cerebro que fortalece.

E de então por diante não sei de momento em que me achasse só...»

\* \* \*

*Meus Senhores,*

A minha posse na 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clinica Medica se reveste de circumstancia singularmente auspiciosa para o recipiendario.

A ella attinjo, tendo ante mim, na vigencia absoluta das suas grandezas, os meus antecessores mais proximos.

Accrescido é, porém, á vista disso, o peso do legado.

No computo dos valores, em que me annulo, mais sentida se faz a ausencia delles.

\* \* \*

É Anisio Circundes, cujo espirito moço ahí está a desmentir a acção corrosiva dos annos. Intelligencias como a sua se refinam e se apuram com o gasto do tempo.

Não é como essas moedas de que nada, senão a idade, lhes dá preço e valor. Ahí, ao contrario fala a pureza do metal mais nobre, o lavor da inscripção, a perfeição da fórma.

Anisio Circundes assiste embevecido a magnificencia da sua obra.

Dentro da vida, aos embates das paixões, é consolação e premio ás alegrias dos dias máos, que Deus nos soube impôr para o sabor dos bons.

\* \* \*

De Clementino Fraga, o mestre e amigo, já me ouvistes falar. E eu disse tão pouco...

\* \* \*

José Olympio da Silva, da mesma escola, vivendo ao mesmo influxo, haveria, por certo, de transmittir aos que o cercaram a segurança das lições aprendidas. De seus discipulos immediatos, muitos se espalharam pelo Brazil afóra e o triumpho profissional é a prova do valimento do seu ensino pratico e intelligente. A isso ajunta muito de sua alma, no desejo constante de bemfazer, todo coração, criando um amigo onde poz um auxiliar, semeando com a dedicação as razões de affecto, gozando as mesmas alegrias e amargando o mesmo penar.

\* \* \*

Prado Valladares é padrão singular de glorias nossas. Sua cultura vale como affirmação magnifica da actualização dynamica do potencial de nossa raça.

O seu talento o conduz por onde o queira levar sua vontade.

A Faculdade da Bahia se desvanece do brilho que se reflecte da sua intelligencia.

Quero dizer-lhe meu agradecimento ás demonstra-

ções da sua confiança e ás homenagens, que sabeis immerecidas e onde deixou transbordar a sua desmedida generosidade.

\* \* \*

Permitti que vos accrescente ainda alguns nomes na emoção desta hora.

Couto Maia, que para desvanecimento meu, preside a solemnidade deste acto, sabe como o tenho em meu coração.

Do alumno fez o amigo, que aprendeu a querel-o, pois sempre entendeu como suas as aspirações daquelles que participavam do seu affecto.

Não se lhe conhecem outras attitudes. Assim foi para commigo nas demonstrações inequivocas e repetidas de um injustificado apreço.

\* \* \*

Aristides Novis e Edgard Santos, meus amigos como irmãos, dos que mais me queriam dos vossos. Do primeiro, que aprendi a venerar nas manifestações cada dia renovadas das qualidades de espirito, que lhe asseguram o principado na medicina bahiana, multiplos foram os elementos de positivação de uma amizade cuja solidez cada hora se reafirma.

Por suas mãos, ascendi a honras que o meu demerito jamais attingiria.

A sua voz me sustentou não raro nas contingencias do desanimo.

Derrama-se-lhe a alma no que diz, porque outra lingua não entende que a da sinceridade.

\* \* \*

Edgard, o companheiro dos mesmos bancos, com Arminio Fraga e Arlindo Assis, é o exemplo vivo da constancia de uma afeição que o tempo só faz fortalecer. Para os que o acompanharam em cada passo da sua carreira, não houve surpresas nas victorias da sua intelligencia, a lhe assegurar o prestigio do professor e do grande clinico, que a Bahia já consagrou.

\* \* \*

De um vae falar a voz da saudade: Alexandre Affonso de Carvalho, o companheiro de tirocinio academico, para quem o momento de hoje seria das maiores alegrias.

Nas palavras de encorajamento que tanta vez lhe ouvi, quando já o sabia irremediavelmente perdido, como antegozava a hora de hoje!

A morte nol-o arrebatou e nelle um dos mais fervorosos crentes no prestigio desta Escola, que imaginava dominadora, no fastigio de suas glorias.

Os olhos ennevoados comparecem sempre em meio a alegria destes instantes. É a lembrança da contingencia humana, aqui posta para recordar ao homem a sua humanidade.

\* \* \*

*Meus Senhores,*

A clinica das molestias internas é elemento essencial da educação medica, seja qual fôr a directriz por que se queiram orientar os que se entregam á nossa profissão.

Della vieram os primeiros ensinamentos, porque da

observação do doente é que se irradiaram a uma parte, os conhecimentos que do morbido se dirigiram á physiologia; a outra parte, do primitivismo encyclopedico ao desdobramento das especializações, que, cada dia mais, se multiplicam, na resolução do problema economico da divisão do trabalho scientifico, onde o capital decresce na razão inversa das exigencias technicas.

A noção do órgão veio com o seu soffrimento.

O homem porém não esperou as modernas conquistas para perscrutar a origem dos seus males e lhes buscar o lenitivo.

O empirismo precedeu a sciencia.

O nosso enfatuamento, nos tempos actuaes, não differe em muito do dogmatismo da alchimia medieval. Proclama-se uma verdade como um facto irrecorrivel, para se reconhecer depois a relatividade da nova aquisição.

No dominio da sciencia pura, que por isso mesmo mais foge á perturbações dos elementos interferenciaes, os exemplos avultam de que as hypotheses se apresentam como um conhecimento necessario, mas que nem por isso perdem o character de uma supposição.

H. Poincaré, um dos maiores mathematicos do seculo e philosopho dos mais estimados, deixa subentendida a pergunta de quantos problemas por si cahiriam, si se exigisse a prova de que a luz tem uma velocidade constante e que sua velocidade é a mesma em todas as direcções.

Este postulado é fecundo de consequencias, mas é verdade aprioristica.

E em medicina, em sciencia biologica, em quanto de hypothetico se debate o pensamento?

André Lichtwitz escreveu que «o systema nervoso

vegetativo si não existisse, devera ser inventado, como fizemos com as agglutininas, bacteriolysinas, precipitinas, etc.» que responderam por algum tempo ás ansias das nossas indagações, mas que dentro em pouco se viu guardarem silencio ante aquellas duvidas que, numa analyse mais rapida, tiveram no primeiro instante como resolvidas.

Assim, em clinica, como em medicina em geral, para falar sómente de nossa seára, no ensinar e no praticar, é preciso confiar na doutrina nova, com a desconfiança na imaginação que cria, mas tambem deforma.

É noção elementar, que não annulla enthusiasmos nascentes, mas os retempera e os faz passar no crivo da Razão.

Faça-se assim o cuidado de tal reserva; mais perto andar-se-á então da realidade, ajustada aos rigores desta formula.

E em clinica é apurar nos factos os bons officios dos methodos clinicos. Diagnosticar é deduzir. E então, não haverá dados que se desprezem. Os proprios e os de alheia sciencia. Nestes se contam os da physica, da bacteriologia, da chimica, da physiologia e da pathologia experimental, todos, soccorro de cada hora.

Em torno a cada problema geral, agita-se uma multidão de questões. Por ellas ha de necessariamente penetrar a especulação, que não deixará se crystalise o espirito numa simples expressão estatica.

Não se contenta quem pensa, da superficie das cousas e ahi penetra indagador, na ancia da razão derradeira, que, queiram ou não queiram, é a nossa tendencia natural.

Quando, porém, a generalização assim se impõe,

excede os horizontes da clinica, comprehendida no seu conceito juxtalitteral.

Vale assim accentuar o beneficio da lei Rocha Vaz, restabelecendo a cadeira de pathologia interna.

Não que se exime a clinica dos propositos que acabo de recordar; elle é quem falará com mais segura auctoridade de taes condições. Mas, o retorno da pathologia, está a nos indicar o caminho, poupaudo-nos o encargo de taes generalizações, para objectivar, na analyse dos casos concretos a finalidade do nosso mistér.

A clinica propedeutica e a pathologia já desbravaram o terreno. Os methodos estudados comparativamente no são e no morbido, a *doença* eschematizada nos seus traços mais vivos, formam os elementos com que mais simplesmente se farão entendidas as variantes pathologicas individuaes que caracterizam o *doente*.

N. Pende já disse que a pathologia é a clinica da especie e a clinica é a pathologia do individuo.

Uma visão exaggeradamente exigente quiz desprezar o estudo obrigatorio da pathologia, por não comprehender outro ensino das molestias, que não o occorrenzial da clinica.

Era questão de essencia que sem campo pratico, não se conceberia o estudo das doenças.

Mas não sei ondê se encontra defeso o documentar immediato do ensino da pathologia. Nelle, o doente é o exemplo, na clinica, é toda a finalidade.

Assim o fazem os serviços de além mar.

E dos de Marañon, em Madrid, poucos dos brazileiros se poderão orgulhar, em clinica, do movimento e interesse.

O que á Pathologia se pede é a systematização, a synthese dos factos morbidos.

A clinica assim terá maior empenho em, ao envez de falar em these, discutir da especie.

Cifrar suas considerações aos dados encontrados; com o reconhecer as vantagens dos grandes methodos auxiliares, habituar tambem o alumno, que é o clinico de amanhã, a saber, de experiencia propria, as difficuldades diagnosticas com os subsidios escassos, a conhecer as indicações personalissimas de um prognostico, atinar com os serviços da therapeutica naquelle caso concreto.

\* \* \*

Tenho que esse foi o pensamento do legislador repondo o estudo das pathologias na nova organização didactica.

Assim o comprehendo neste instante, restringindo a attribuição do ensino da clinica ao seu justo enteudimento.

\* \* \*

Não é pequeno, porém o encargo que a lei impõe.

A obra se exige grandiosa.

Fallece a força do artifice.

Salva-me, todavia, nesta hora de compromissos, o empenho de toda a minha vontade para que não lastimeis demasiado os votos de vossa escolha.

Seja vosso exemplo meu guia nesta senda.

\* \* \*

Agora vós, meus queridos e jovens amigos.

Quiz que vos pertencessem minhas derradeiras palavras.

Sei bem o que vos devo.

Vosso estímulo foi fonte em que eu bebi muito de coragem para este empreendimento. Tres annos me ouvistes desta cadeira que eu conservava de empréstimo. Ao encontro dos meus receios viestes com prestigio da vossa mocidade.

Demonstrações as mais significativas de carinho, com que acolhieis magnanimos as incertezas, as vacillações, os erros do vosso obscuro mestre, me faziam esquecer as vigílias alongadas, o trabalho sem treguas, para vos dar um *quê* do muito que aspiraveis, um *nada* do que me mereceis, pois me sabieis attenuar, cada dia, com o conforto da vossa presença a convicção do meu desvalor.

Talvez que receiásseis que eu não attingisse o fim. Alimentaveis, assim, a razão de ser de tudo isso: o prazer de ensinar. Ensinarei mal, ninguém duvidará. Ensino, porém, com amor, dando ao ensino um pouco de mim mesmo; sou dos que crêm que é do mestre a missão mais sublime e que no ensinar, por egual se distribue o beneficio, entre o que professa e o que aprende.

Os que me cercam sabem da minha alegria em com elles distribuir o pouco que possúo, mesmo estas pobres migalhas que constituem todo o meu cabedal scientifico.

\* \* \*

Nas palavras sacramentaes desta investidura, jura o novo professor fidelidade ao Brazil e á Republica.

Sejam então por esta Patria tão estremecida os votos deste instante.

Trabalhemos pelo prestigio da Faculdade da Bahia.

Confiemos no Brazil de agora pujante, forte, vivo, celebrando as tradições, mas crente no futuro.

Proclamemos em altas vozes este acto de fé e que cada um o repita, como dever sagrado, na evocação de cada hora, para que se alastre e se diffunda em circulos cada vez maiores e se faça por fim o proprio substracto da consciencia nacional.

Creiamos no Brazil de filhos hygidos, plenos da sua força, intrepidos para a lucta, na primeira como na hora extrema.

Creiamos em nós mesmos. Firmemo-nos em nossos valores e não falemos de possibilidades brazileiras como de uma vaga miragem que se perde no infinito.

O Brazil não é só de possibilidades. O Brazil já é esta pujante realização de arte, de sciencia, de industria, de commercio, que não pede, mas impõe o seu logar no concerto das nações. E porque é tudo isso, nós sabemos que será muito mais.

Está sobretudo em vós, que agora vindes, suas maiores esperanças.

Dae-lhe do vosso melhor. Offerecei-lhe o coração. Lembrai-vos que o paiz da Cruz nasceu e cresceu á sombra do sentimento.

A fé e o amor são razões sufficientes de grandes conquistas.

A esse dia final da conquista.

Pelo Brazil, mestre do mundo.

---

# PARANÓIA QUERELANTE

Communicação á «Sociedade de Medicina da Bahia»

PELO

Dr. José Julio de Calasans

Docente-Livre de Clínica Psychiatrica da Faculdade de Medicina  
e Assistente Interino do Hospital de São João de Deus  
(Assistencia a alienados)

Desde que o Prof. Kraepelin excluiu do quadro clinico da paranóia os delirios systematizados alucinatorios — tornaram-se em tanta maneira rarissimos os casos dessa entidade morbida nos hospitaes psychiatricos, que o registo, no livro competente, de um caso dessa natureza, constitue justificado motivo para despertar de redor do mesmo grande interesse e maxima curiosidade.

Esse, que trazemos ao conhecimento da «Sociedade de Medicina da Bahia», observamo-lo na pessoa de uma praça do exercito e o capitulamos de *paranóia querelante*, estribados nos seguintes symptomas capitaes, que conseguimos finalmente focalizar após longa e cuidadosa observação:

a) egocentrismo, traduzindo-se pela grande preocupação que o paciente revela do seu «eu»;

b) inadaptabilidade ao meio militar, donde actos continuos de insubmissão e indisciplina, cujas repressões são interpretadas pelo paciente como hostilidades pessoas;

c) reacção contra esse meio, reacção que, aparentemente, se nos apresenta tão logica e razoavel que já chegou até a conquistar a assistencia jurídica, gratuita e espontanea de alguns advogados;

d) idéas arraigadas de querelas e litigios.

Se não, vejamos:

X... (baptizemos assim o nosso observado) deu entrada

no Hospital de São João de Deus, serviço da Clínica Psychiatrica da Faculdade de Medicina, aos 15 dias de Março de 1927, a requisição do Sr. Major Dr. Director do Hospital Militar da Bahia «para ser melhor observado» por isso «que apresentava symptomas de alienação». Uma vez internado, tratamos, para logo, de solicitar áquella distincta autoridade e ao Commandante do 19 Batalhão de Caçadores, a que pertencia o nosso observado, todos os informes que por accaso possuissem no tocante á sua vida progressa. E assim, do Dr. Director do Hospital Militar, firmado pelo nosso collega, 1.º Tenente Medico, Dr. Vivaldo de Almeida Pontes, recebemos o seguinte: «*Actos repetidos de indisciplina; temperamento nervoso; idéa fixa de que é perseguido e de que todos lhe querem fazer mal; alguns reflexos ligeiramente augmentados; esboço do signal de Romberg*». Do Sr. Major Commandante do 19 Batalhão de Caçadores, foram estas as informações: «*Conducta anterior pessima: grande numero de reincidencias em faltas já punidas; conducta actual, — pessima ainda traduzindo-se, continuamente, por actos repetidos de insubmissão e indisciplina, acompanhados de queixas infundadas contra os seus superiores e denuncias dos mesmos, sem a menor razão de ser*».

Claro está que essas informações no-las pedimos pela suspeita que de logo levantamos do caso que tal, ao nos defrontar com o paciente que, sem mais detença, abriu á nossa presença um pacote cuidadosamente enrolado e amarrado com fita rosea—qual se costuma proceder com correspondencia amorosa—pacote que trazia sob o braço direito e entrou a justificar á luz de inumeros documentos, as injustiças e perseguições inominaveis que até aqui se dizia grande victima. E dess'arte passou a interpretar o «Codigo de Justiça Militar» que se encontrava com visiveis signaes de continuo manuseio, bem como assinalados, a lapis, com exclamações, interrogações, traços verticaes e horizontaes, chaves etc., o art. 50 e seus §§; o art. 115; o art. 116 e letra b; § 3.º da letra c do mesmo artigo; art. 136;

art. 139; art. 144; art. 192; § 1.º e 2.º do mesmo artigo; art. 223; art. 234; art. 236; art. 261, § 4.º etc., etc.

Alem do «Codigo de Justiça Militar», leu-nos, interpretando e igualmente assinalados, grande numero de artigos de «Regulamento para Instrucções e Servicos Geraes dos Corpos e Tropas do Exercito» e com especial particularidade, esses signaes se multiplicavam no capitulo referente ao «Titulo —IV—Regulamento Disciplinar do Exercito».

Daí por deante, começamos de observa-lo com maximo interesse e dessa observação extrahimos o seguinte resumo, que temos a honra de trazer ao conhecimento dos dignos confrades.

## I

### ANTECEDENTES FAMILIARES

Pouca importancia possuem os dados que conseguimos colher no tocante aos antecedentes familiares do nosso observado. Pelo que, deixamos de os assinalar.

## II

### ANTECEDENTES PESSOAES

Na infancia, diz o nosso observado não saber se soffreu de doenças febris ou de outra especie. Inicio e condições da marcha e da palavra, ao que informa, normaes. Na idade adulta, affirma X... que, á excepção da grippe de 1918, nunca padeceu de molestias e jamais se submeteu a intervenções cirurgicas. Quanto ao uso de bebidas, declara só tomar refrescos. E de uma sua amante, que o veio visitar no nosso serviço clinico, obtivemos os interessantes informes seguintes: que vive com ella ha dois annos e que nunca a maltratou; que desde que se uniu a elle teve dois abortos; que desconhece a familia delle, mas sabe que reside á Cidade de Bomfim; que ignora o procedimento delle no

meio militar, mas, ao que dizem seus companheiros, «é muito bom»; que «a não ser um ou outro acto de indisciplina que pratique», o mais, no sentir dos seus proprios camaradas, «não passa de perseguições dos seus superiores, especialmente do seu commandate», o major C. B., a quem chama «Capitão Geada Preta»; que, quando X... «partiu com seu batalhão para combater os revoltosos, no sertão brasileiro», pediu-lhe «um fusil para o acompanhar e guerrear ao seu lado».

### III

#### EXAME DIRECTO E OBJECTIVO

- 1.<sup>o</sup>—Attitude: normal.
- 2.<sup>o</sup>—Face: *côr*, parda; *volume*, normal; *symetria*, perfeita; *expressão*, normal; *movimentos*, normaes; *erupções*, ausentes.
- 3.<sup>o</sup>—Craneo: sub-dolichocéphalo.
- 4.<sup>o</sup>—Vícios de conformação: não n'os apresenta apreciaveis.
- 5.<sup>o</sup>—Apparelho circulatorio: normal.
- 6.<sup>o</sup>—Apparelho respiratorio: normal.
- 7.<sup>o</sup>—Apparelho digestivo: constipação habitual.
- 8.<sup>o</sup>—Apparelho genito-urinario: gonococcia aguda.
- 9.<sup>o</sup>—Exame do systema nervoso: nada revelou de anormal.
- 10.—Exame do liquido cephalo-rachideo: idem.
- 11.—Exame de Wassermann no sangue: francamente positivo (uma cruz).

#### EXAME MENTAL

O nosso observado possui perfeita noção do tempo, lugar e meio. Não apresenta confusão de espirito, nem alheiamiento ao mundo exterior. Suas respostas são logicas, connexas e desembaraçadas. Durante o tempo da nossa

observação, nunca lhe verificamos excitação, depressão, angustia ou apathia. Voz tranquilla e compassada. Quando, porem, toca ao conteudo do seu delirio, fala, por vezes, com voz alta e fluente. Ideação, normal; attenção, mais voltada para si que para o exterior. Não ha erros de percepção illusões ou alucinações. Jamais lhe observamos impulsões.

X... apresenta, evidentemente, um delirio de perseguição, rigorosamente systematizado, bem encadeiado, logico, de fundo querelante, tirando conclusões razoaveis de premicias falsas, de modo a confundir ou convencer interlocutores desavisados. Assim é que se diz ferozmente perseguido das altas autoridades militares desta Região e em apoio dessa assertiva entra a citar artigos e mais artigos, trechos e mais trechos, paragraphos e mais paragraphos das leis e regulamentos militares tidos para elle como adredemente violados, conspurcados e desacatados pelos seus maiores, visando aquelle fim especial. E tal é o ardor, é tal a vehemencia, tal é a logica apparente com que procura fundamentar a sua argumentação, que innumerados são os seus advogados gratuitos e, ao que nos consta, alguns, entre elles, já chegaram a recorrer ás columnas da imprensa e á Justiça dos nossos tribunaes.

A mór parte do tempo aqui no Estabelecimento, passa-o X... ou á cata de quem lhe queira ouvir a infundavel exposição de injustiças e perseguições de que se diz victima, ou a escrever protestos e representações contra seus perseguidores, bem como longos artigos destinados aos jornaes desta Capital, revelando ao publico todas as iniquidades e todas as conspurcações de direito de que se julga victima. Desta feita, sabendo que tinhamos solicitado varias informações ao seu respeito e sciente de que a resposta não tinha vindo no mesmo dia em que fôra solicitada, procurou-nos para demonstrar, á luz do «Codigo de Justiça Militar» que tal demora nada mais era senão nova perseguição dos seus superiores.

Insistente e quase quotidianamente nos tem pedido uma copia de sua petição de internamento neste Hospital para, em momento opportuno chamar ás barras do Supremo Tribunal Federal e do Supremo Tribunal Militar os seus ferozes perseguidores.

Quando X... não está entretido em desmascarar ou confundir seus inimigos, clamando contra as injustiças de que se diz está sendo victima, injustiças contra as quaes clama a sociedade inteira, —distræ-se, em geral, escrevendo composições literarias de genero variado.

Ha dias declarou-nos estar ansioso por se ver livre de tão fortes perseguições e viver em outras paragens ao lado de sua eleita.

De certo tempo a esta parte, mostra-se perdidamente apaixonado por uma enfermeira do Hospital e, naturalmente, como ella lhe não dá attenção, contenta-se em acompanhar-lhe de longe os passos e escreve-lhe cartinhas amorosas, umas sobre as outras, que jamais chegaram ao seu destino.

«Aqui, no Hospital, —disse-nos um dia—parece-me que todos estão a serviço dos meus perseguidores». E entrou em seguida a interpretar numerosos factos em apoio da sua suspeita. Nunca, desde a data do seu internamento até a da redacção desta observação, —verificamo-lhe actos violentos, aggressivos, destruidores, estereotypados, mimeticos, sem causalidade nem effeito.

Ha alteração da personalidade. Assim é que, para logo, se lhe nota a grande preocupação que mantem pela sua pessoa e pelas cousas que lhe dizem respeito.

Repete bem os paradygmata e ha contrações correlatas dos musculos da face. Mimica normal.

Raciocinio hyperactivo, sempre tendente a deducções.

Do ponto de vista neuriatrico—a escripta, mediante dictado, nada revela de anormal; a expontanea, tambem e versa sempre, ou o conteúdo do seu delirio, ou os hymnos dos seus amores.

X... tem perfeita memoria dos factos antigos e recentes, bem como das sensações tacteis, visuaes, da forma e das côres associadas. O mesmo podemos affirmar quanto á memoria das sensações auditivas, olfactivas e gustativas.

## IV

## DEDUÇÃO DIAGNOSTICA

Eis aí está por que não vacillamos em capitular o caso do nosso observado de *paranóia querelante*, estribados, como estamos, nos ensinamentos dos mestres da psychiatria contemporanea:

«A paranóia, que significa pensar errado, pensar de vuez, consiste em um delirio systematizado, bem encadeiado, logico, sem alucinações como elemento essencial e antes como verdadeira excepção, em que de uma idéa falsa tira o individuo uma serie de conclusões razoaveis em que ha, como vicio fundamental, primitiva e originaria auto-filia, egocentria resultante e inadapabilidade ao meio e reacção consequente contra este». (Henrique Roxo. «*Manual de Psychiatria*». 2.<sup>a</sup> ed. pags. 351. Rio de Janeiro. 1925).

De feito, «o paraneico (\*) é um louco com juizo que raciocina certo sobre premicias falsas ou falsificadas». (Afranio Peixoto—*Psico-Patologia Forense*. pags. 312. Rio de Janeiro. 1916).

---

(\*) De referencia a esse vocabulo, escrevemos, em nossas «Notas á Terminologia das Molestias Mentaes».

Deixemos, porem, essas apreciações exclusivamente clinicas e entremos, finalmente, nas considerações lexicologicas a que alludimos e que nos surgiram ante a lição de um brilhante luminar, estrella de primeira grandeza, no firmamento da medicina brasileira. Queremos nos referir ao Dr. Afranio Peixoto e a certo passo da sua *Psico-Patologia Forense* onde houve por bem de sentenciar com firmeza:

«*Paranáia* e não *paranóia* de para+noia consigna o illustre filologo

«Taes doentes são dotados de grau notavel de suggestibilidade». E a prova positiva temo-la no caso de nosso paciente; que chegou ao ponto de convencer a terceiros da sanidade das suas idéas morbidas. A razão e muito explicita desse phenomeno no-la dá o eminente alienista supra citado, alludindo a esta phrase de Jacoby: «os imbecis formam a côrté dos paraneicos». (*Psico-Patologia Forense*. Pags. 206).

Embora sejam as idéas persecutorias o que mais nos chama a attenção relativamente á conduta do nosso observado—o que, entretanto, lhe domina o psychismo é, na phrase de um alienista «a mania dos litigios, das questões juridicas, da reivindicacão de direitos esbulhados».

---

Gonçalves Vianna no seu *Vocabulario*. De factio, *koilon* gr. deu *calum* lat. e *cêu* port.; *koimeterion*, *coemeterium* e *cemiterio*; *oikonomia*, *economia*. Na lingua já existia *dyspnéa*, *dus-+pnoia*. *Paranáa*, *portanto*».

Ora, o vocabulo *paranóia* já se acha de tal modo generalizado, de tal modo conhecido e adoptado que se nos afigura, de todo e todo, impossivel qualquer substituição. *Paranóia* é que dizem os illustres mestres da especialidade, na Bahia. *Paranóia* já o disse e o escreveu muitas vezes o proprio mestre Afranio Peixoto. Haja vista aquelle seu trabalho em collaboração com o Dr. Juliano Moreira sobre «*A Paranóia e os Syndromes Paranoides*». «*Das Paranóias*» tal é a these de doutoramento de Claro Homem de Mello. Emfim, «*Paranóia*» é o excellente trabalho de docencia livre de Bueno de Andrade. Percorrendo a bibliographia extrangeira, lá encontraremos: «*A Paranóia*» do insigne psychiatro portuguez Dr. Julio de Mattos. «*Die Paranóia*» pelo Dr. Wermer. «*La Paranóia*» de Seglas. E assim nos trabalhos de Amadei, Tonnini, Tauzi e Biva etc.

Consideremos. Uma vez adoptado um vocabulo, generalizado um termo, sancionada una expressão, embora em desacôrdo com os principios e ensinamentos da sciencia da linguagem, não ha outro remedio senão o de fechar os olhos e cruzar os braços. E isso, de feito, tem sido reconhecido por todos os mestres: «Nas questões de linguagem—diz Ruy Barbosa—tudo é o uso». Dizemos erros sob restricção, pois não é erro em linguagem aquillo que todos adoptam» (Julio Nogueira). E' «o uso—casina Mario Barretto—que julga em

Daí o nosso diagnostico de *paranóbia querelante* ou *processomania* de Kraepelin.

«O delirio litigante é sempre verosimil e daqui vem que, defendido com vivacidade e ardor, elle consegue contagiar, muitas vezes, uma ou varias pessoas. (Julio de Mattos—*Elementos de Psychiatria*. Pags. 581. Porto. 1911).

E' o que tem acontecido com algumas pessoas das relações ou conhecimento do nosso observado, donde a origem dos seus advogados expontaneos ou gratuitos.

Demais, «o paranoico querelante não se dá, jamais, por vencido, nem convencido. Tem um estimulo irrefreavel para luctar, uma convicção inabalavel dos seus direitos, é sempre victima, no seu dizer, das injustiças mais atrozes, pretende a todo o custo, engendrar ardis, os mais extranhos,

---

ultima instancia» e que no dizer de Vangelas é o «maitre des langues, qu'on est le roi et le tyran».

Bem sabemos que, em se tratando de questões relativas á linguagem scientifica, o criterio do uso, a que em tão boa hora alludimos, não tem e nem pode ter o mesmo valor que assume em se tratando de questões referentes, exclusivamente, á linguagem popular. E se comprehende bem isso. A linguagem scientifica é, por que assim digamos, fundida nos gabinetes dos doutos e nos laboratorios dos sabios; enquanto a linguagem popular, ou mais exactamente, a linguagem, é um facto puramente natural, um phenomeno, rigorosamente, de ordem biologica, sujeito aos mysterios tenebrosos do psychismo, a cujos dictames, mais tenebrosos ainda, cegamente obedece e, por isso mesmo, não pode tolerar regras, editaes ou preceitos que lhe queiram impôr empirica e dogmaticamente, glotologos, philologos e grammaticos.

No caso vertente, porem, o criterio do uso que invocamos, se nos depara em toda a sua plenitude, porquanto é trivialissimo, na propria linguagem scientifica, como na popular, a adopção de muitas e muitas palavras taes quaes nos vieram directamente do grego ou indirectamente através do latim, sem que hajam ao menos soffrido a mais leve alteração. E os exemplos pullulam qual a qual mais frizante, qual a qual mais preciso, qual a qual mais convincente. Haja vista entre outros, para só citar os mais communs, *epitomes*, *diabetes*, *syncope*, *systole* etc.

afim de levar a convicção aos outros de que a justiça está ao seu lado. Não ha demove-lo desse intento». (Antonio Correia Bueno—*Em torno da Paranóia*. Pag. 57. São Paulo 1923). Tal succede com o nosso observado. Haja vista a insistencia com que nos tem pedido a copia da sua petição de internamento para chamar os seus perseguidores ás barras dos tribunaes.

\* \* \*

Uma vez concluida esta observação, remetemo-la á junta medica militar designada para inspecionar de saude o nosso observado e tivemos a satisfação de vêr as nossas conclusões totalmente acceitas daquelles distinctos collegas.

De accordo com o parecer da junta foi o nosso observado dado por incapaz para o serviço militar e como tal excluido das fileiras do exercito. É o que sabemos a seu respeito, delle, paciente,—desde a epoca da sua exclusão do serviço militar até a presente data—justificaria a redação de uma nova observação, muito mais extensa, muito mais interessante e muito mais instructiva do ponto de vista da entidade morbida que lhe diagnosticamos. Que o digam as nossas autoridades civis e militares.

<b>BIOPHORINE</b> <b>GIRARD</b>	<b>KOLA GLYCERO-PHOSPHATADA</b>
	<b>NEVROSIS, ANEMIA CEREBRAL, VERTIGEM</b>
	<b>A. GIRARD, 48, Rue d'Alésia, PARIS (FRANCE)</b>
	Depositario: FERREIRA, 165 Rua dos Andradas, RIO de JANEIRO

# CODIGO DE MORAL MEDICA

(Continuação)

## CAPITULO III

### DOS SERVIÇOS PROFISSIONAES ENTRE MEDICOS

Art. 25. O medico, sua mulher, assim como seus filhos, emquanto se encontrem sob o patrio poder, têm direito aos serviços gratuitos dos medicos residentes na localidade e cuja assistencia solicitem. Gozam de igual privilegio o pae, a mãe e outros parentes, sempre que residam na mesma casa e se encontrem visivelmente sob a immediata protecção do medico.

Art. 26. Si o medico que solicita a assistencia de um collega reside em lugar distante e dispõe de sufficientes recursos pecuniarios, seu dever é remunerar ao collega cujos serviços utiliza, em proporção ao tempo empregado e ás perdas que possam occasionar-lhe o abandono momentaneo de sua clientela.

Art. 27. Ficam excluidos dos beneficios a que se referem os artigos anteriores, os medicos que não exerçam a profissão ou que se tenham dedicado por completo a outras occupações ou negocios.

## CAPITULO IV

### DOS DEVERES DOS MEDICOS AO SE SUBSTITUIREM

Art. 28. Quando um medico se afastar accidentalmente do exercicio da profissão por motivos justificados e recommendar seus enfermos aos cuidados de um

collega, este deve aceitar o encargo sem reserva de especie alguma e desempenhá-lo com o maior zelo attendendo os interesses e o nome do substituido.

Art. 29. Si a assistencia é de curta duração, os honorarios serão entregues integralmente ao substituido; em caso contrario, ou quando o abandono da clientela é motivado por prazeres ou por occupaões e negocios permanentes extranhos á medicina, o collega ausente não tem direito aos beneficios da confraternidade e reservará para o substituto a remuneração que devidamente lhe corresponde por seus serviços. Em casos obstetricos e nos cirurgicos de importancia, que implicam fadigas e responsabilidades não communs, os honorarios pertencem ao substituto, quaesquer que sejam as circumstancias.

## CAPITULO V

### DAS CONFERENCIAS OU CONSULTAS MEDICAS

Art. 30. A rivalidade, os ciumes e a intolerancia em materia de opiniões não devem ter guarida nas conferencias medicas; ao contrario, a bôa fé, a probidade, o respeito e a cultura se impõem como um dever nas relações profissionaes dos medicos consultores entre si e com o assistente.

Art. 31. As conferencias medicas se dividem em duas categorias: as exigidas pelo doente ou por seus responsaveis ou interessados. (1)

---

(1) Embora no original que serviu para a traducção, assim esteja, parece ter havido falha á impressão e esse artigo deve assim ser comprehendido: As conferencias medicas se dividem em duas categorias: as exigidas pelo assistente e as exigidas pelo doente ou seus responsaveis ou interessados.

Art. 32. O medico assistente pedirá conferencia unicamente nos seguintes casos:

1.º—Quando não puder fazer um diagnostico firme;  
2.º—Quando não obtiver resultados satisfactorios no tratamento empregado;

3.º—Quando necessitar os auxilios de um especialista;

4.º—Quando pela natureza do prognostico, precisar alliviar sua responsabilidade com outro collega.

Art. 33. O enfermo ou seus parentes poderão solicitar uma conferencia quando não estejam satisfeitos com os resultados do tratamento empregado pelo medico assistente ou quando desejem uma confirmação da opinião deste.

Art. 34. Quando fôr o medico assistente quem provocar a conferencia, competirá a elle indicar qual ou quaes os collegas que considera capazes de ajudal-o na solução do problema clinico ou de compartir com elle a responsabilidade do caso; mas o enfermo ou seus parentes poderão exigir a presença de medicos de sua confiança na conferencia.

Art. 35. Quando fôr o enfermo ou seus parentes que solicitarem a conferencia, o medico assistente deverá deixal-os em liberdade de escolher os consultores, uma vez que sejam todos medicos diplomados por uma Faculdade nacional, mas tambem poderá exigir na conferencia a presença de um collega escolhido por elle.

Art. 36. Reunida a conferencia, o medico assistente fará o relato clinico do caso sem precisar diagnostico nem prognostico; porém, si achar conveniente ou necessario, entregará sua opinião por escripto em envelope fechado. Acto continuo os medicos consultores examinarão livremente o enfermo. Reunida de novo a conferen-

cia, os consultores emitirão sua opinião começando pelo mais joven e terminando pelo assistente que neste momento abrirá o envelope contendo sua opinião escripta ou a emitirá verbalmente si não a tiver escripto antes.

Competirá ao assistente resumir a opinião de seus collegas e formular as conclusões que serão submittidas á decisão da junta. O resultado final das deliberações será communicado pelo assistente ao doente ou seus parentes.

Art. 37. A discussão do caso nunca será feita em presença do enfermo ou seus parentes, a não ser com o consentimento de todos os facultativos e em presença de todos elles. Naquelle caso não se emitirá opinião alguma a respeito de diagnostico, prognostico e tratamento que seja o resultado das deliberações e accordo da junta.

Art. 38. As decisões da junta poderão ser modificadas pelo medico assistente si assim exigir alguma mudança no character do curso da molestia; mas tanto as modificações como as causas que as motivarem deverão ser expostas e explicadas na junta subsequente. Identico privilegio com identicas reservas serão applicaveis a qualquer dos consultores si fôr chamado com urgencia em alguma circumstancia, por achar-se ausente o assistente ou impossibilitado de attender.

Art. 39. Os medicos ficarão no dever de comparecer pontualmente ás juntas para as quaes tenham sido convocados. Si forem varios os medicos e algum se retardar, não sendo o assistente, os demais esperarão o ausente um quarto de hora, terminado o qual procederão ao exames do enfermo. Si são dois unicamente e o primeiro a comparecer fôr o assistente, este poderá naturalmente ver o doente e prescrever; porém, si fôr o

consultor quem chegar primeiro, seu dever será esperar um quarto de hora e si não chegar o assistente, retirar-se sem visitar o enfermo. Entretanto, si o caso fôr de urgencia, si o consultor estiver autorizado pelo assistente, ou não lhe fôr facil voltar por causa da distancia ou por outros motivos justificados, este poderá examinar o doente e antes de retirar-se, deixar sua opinião por escripto e em envelope fechado, para ser transmittida ao medico assistente.

Art. 40. Nas conferencias evitar-se-ão as dissertações profusas sobre themas doutrinarios ou especulativos, limitando-se a resolver o problema clinico presente.

Art. 41. As discussões que se realizarem nas conferencias serão de character secreto e confidencial. A responsabilidade em taes casos será collectiva e não será permittido a nenhum dos medicos eximir-se por meio de juizos criticos ou censuras tendentes a desvirtuar a opinião de seus companheiros, ou a legitimidade scientifica do tratamento combinado pela junta.

Art. 42. Si a divergencia de opinião entre os facultativos fôr irreconciliavel, considerar-se-á decisivo o voto da maioria; os medicos que estejam em minoria poderão consignar sua opinião por escripto e entregal-a ao medico assistente, o qual estará no dever de commu-nical-a ao enfermo ou a seus parentes; si houver empate de opiniões tocará ao assistente resolver o que achar mais conveniente aos interesses do enfermo.

Art. 43. Si os consultores estiverem de accordo, mas divergirem da opinião do assistente, o dever deste será communicar o facto ao doente ou seus parentes para que estes decidam si querem continuar com seu antigo medico ou chamar outro.

Art. 44. Si a junta fôr composta unicamente do assistente e um consultor e não conseguir chegar a um

accordo o dever de ambos será chamar um terceiro ou varios collegas e proceder de modo estatuidô para as conferencias de mais de dois medicos. Si isto não fôr possivel por não haver mais medicos na localidade, submeter-se-á a questão á decisão do enfermo ou de seus parentes, que ficarão então com liberdade de decidir.

Art. 45. O medico assistente é autorizado a lavrar e conservar uma acta das opiniões emittidas que, com elle, assignarão todos os consultores, toda vez que, devido a razões de ordem privada ou outras relacionadas com a decisão da junta, creia necessario pôr sua responsabilidade a coberto de falsas interpretações, ou a resguardar do publico.

Art. 46. Aos medicos consultores é terminantemente prohibido voltar á casa do enfermo depois de terminada a conferencia, salvo em casos de muita urgencia ou autorização expressa do assistente, com annuncia do enfermo ou de seus parentes.

Art. 47. Nenhum medico consultor pôde tornar-se assistente do mesmo paciente durante a molestia para a qual foi consultado. Esta regra tem as seguintes excepções:

1.º—Quando o assistente ceder ao consultor *voluntariamente* a direcção do tratamento.

2.º—Quando se tratar de um cirurgião ou um especialista a quem o assistente deve ceder livremente a direcção da assistencia ulterior do enfermo com todas as responsabilidades.

3.º—Nas circumstancias previstas na parte final do art. 44, isto é, quando não houver outro medico na localidade.

Art. 48. O medico consultor observará honesta e escrupulosa attitudo no que se referir á reputação moral

e scientifica do assistente, cuja conducta deverá justificar sempre que não coincida com a verdade dos factos ou com os principios fundamentaes da sciencia; em todo o caso a obrigação do consultor será attenuar o erro quando realmente houver e abster-se de juizos e insinuações capazes de affectar o credito do medico assistente e a confiança de que fôr objecto por parte do enfermo e de seus parentes. O consultor evitará tambem as attentões extraordinarias, os cumprimentos indirectos e as officiosidades de diversos generos de que costumam valer-se as pessoas de má fé, com o proposito indigno de adquirir notoriedade ou de cahir nas graças dos enfermos e suas familias.

Art. 49. Nenhum facultativo deve concorrer a conferencias, que não tenham sido promovidas pelo medico assistente, ou pelo doente ou seus parentes, de accordo com o assistente.

Art. 50. Não está autorizado a promover conferencias o facultativo que é chamado accidentalmente para substituir o assistente, salvo em casos de muita urgencia.

Art. 51. Incumbe ao medico assistente marcar dia e hora em que deve reunir-se a junta, a não ser que por circumstancias especiaes consinta em acceitar os indicados por um de seus collegas.

Art. 52. Os honorarios profissionaes correspondentes aos medicos consultores, devem ser pagos logo após a terminação da consulta e na propria casa do enfermo. Cumpre ao medico assistente lembrar esta obrigação ao enfermo ou a seus parentes, antes de serem chamados os consultores.

## CAPITULO VI

## DOS CASOS ACCIDENTAES E DA SUBSTITUIÇÃO MEDICA

Art. 53. Os que se consagram á medicina devem recorrer aos seus proprios meritos e aptidões para exercel-a e adquirir clientela, porque a medicina não é uma industria e sim uma profissão liberal.

Art. 54. O medico observará a mais estricta discreção em suas relações com os doentes assistidos por outros facultativos. Seu dever é abster-se de toda pergunta ou observação referente á molestia de que padecem ou o tratamento que seguem e evitar quanto directa ou indirectamente possa diminuir a confiança depositada no medico assistente.

Art. 55. O facultativo que fôr chamado para um caso de urgencia, por achar-se ausente o medico habitual ou o assistente, retirar-se-á ao chegar este, a menos que se lhe exija acompanhar o assistente.

Art. 56. Quando varios medicos forem chamados simultaneamente para um caso de doença repentina ou um accidente, o doente ficará aos cuidados do que chegar primeiro, salvo decisão contraria do enfermo ou seus parentes. O que ficar encarregado da direcção da assistencia, poderá escolher entre os restantes aquelle ou aquelles cujo concurso julgue util e necessario. O dever do dito medico será exigir que se chame o medico habitual da familia, sempre que não seja convidado a continuar a assistencia, só ou acompanhado do habitual.

Art. 57. O medico que fôr chamado para assistir a uma pessoa durante a ausencia ou enfermidade do medico habitual da familia, retirar-se-á ao regressar este ou restabelecer-se, si o proprio enfermo ou seus parentes não decidirem o contrario.

Art. 58. Entende-se por medico habitual de uma familia aquelle que é geralmente consultado pela dita familia ou dito enfermo.

Art. 59. Um medico que é chamado para assistir um enfermo que está sendo tratado por outro medico, deve ajustar sua conducta ás seguintes regras:

1.º—Deve propor uma consulta com o medico anterior e insistir na necessidade desta consulta.

2.º—Si fracassar em seu proposito, deve procurar justificar a conducta de seu collega e reconquistar para o mesmo a confiança do enfermo e parentes.

3.º—Cumpridos estes deveres, pôde encarregar-se da assistencia do enfermo, depois de tudo informar ao collega que vae substituir.

Art. 60. Si um medico que visita seus enfermos fóra da cidade, é chamado para ver outro que apresenta alguma mudança ou peora nos symptomas e cujo medico habitual está ausente, seu dever é limitar-se a preencher as indicações de momento e não alterar o plano senão no estrictamente necessario.

Art. 61. O medico chamado para attender um parto, por ausencia do facultativo antes escolhido, está no dever de dirigir o tratamento e tem direito aos honorarios si o facto occorre em sua direcção; terminada porém, a assistencia, o seu dever é retirar-se, depois de haver entregue o caso ao medico previamente escolhido.

## CAPITULO VII

### DOS ESPECIALISTAS

Art. 62. Entende-se por especialista o medico que além de possuir a illustração geral indispensavel, se consagra ao estudo particular e á pratica de um dos ramos da sciencia medica.

Art. 63. O especialista que é chamado em consulta para examinar um doente e dar sua opinião sobre symptomas, phenomenos ou complicações sobrevindas no curso de uma molestia, deve ir á casa do enfermo no dia e hora fixados pelo medico assistente; terminada a sua missão, não fará novas visitas, sem a annuencia do dito medico devidamente autorizado pelo doente ou seus parentes.

*Continúa.*

ANTI-ANEMICO — ANTI-NERVOZO

GRAGEAS  
do Dr.  
**HECQUET**  
Laureado da Academia de Medicina de Paris  
de Sesqui-Bromureto de Ferro.

O melhor medicamento ferruginoso, contra:  
**ANEMIA, CHLOROSE,**  
**NERVOSIDADE, CONSUMPÇÃO.**

O unico que reconstitue o sangue, calma os nervos e nunca occasiona prisão de ventre.  
DOSES: 2 a 3 grãos a cada refeição.

**ELIXIR e XAROPE do Dr. HECQUET**  
de Sesqui-Bromureto de Ferro.  
Deposito: Paris, Montagu, 66, R<sup>o</sup> de Port-Royal,  
E EM TODAS AS PHARMACIAS

EMPHYSEMA  
DYSPEEA

BRONCHITES  
ASTHMA

**IOBEINE MONTAGU**

**PILULAS**  
**XAROPE**  
**AMPULLAS**  
de Bi-Iodureto de Codeína

**ANTIDISPNEICO**  
**CALMANTE DA TOSSE**  
**EXPECTORANTE**

MONTAGU, Phco. 49, Boulevard de Port-Royal,  
em todas as Pharmacias.

XAROPE: 2 a 3 colheres, das de sopa, puro, por dia.  
PILULAS: 4 a 8 pilulas por dia.

# FALLECIMENTO

---

## Prof. Josino Correia Cotias

A 7 do corrente, encerrou o cyclo de sua prestante existencia o Prof. Josino Correia Cotias.

La completar 80 annos de idade em 13 de Maio do anno proximo vindouro, quando a morte o arrancou da convivencia da familia e dos amigos.

O Dr. Josino Correia Cotias era natural de Sergipe, filho de Antonio Cotias e D. Belisa Correia Cotias. Nasceu em 13 de Maio de 1850.

Desde os bancos da aula elementar, mostrou-se o que seria: um estudioso, um applicado ás sciencias. E assim foi.

Prompto das primeiras lettras e prompto dos preparatorios exigidos para o curso de Pharmacia, matriculou-se em Março de 1869 no 1.º anno, tomando o grau em 1871. Foi tambem, Dentista.

Não lhe satisfizeram esses diplomas. Quiz mais, quiz ser filho de Galeno, e em 1876 prestava os exames do 1.º anno medico e recebia o annel symbolico em 1881, com mais 41 collegas da turma.

Não lhe satisfiz ainda a etapa vencida.

Filho de nossa Faculdade, onde varões illustres doutrinavam, ambicionou fazer parte dessa grey, que derramava luz pelos que desejavam a nobre missão de curar o corpo, prolongando preciosas vidas, uteis á Patria e a familia.

Estando aberto, em 1893, o concurso para o logar de Preparador de Physica Medica, nelle se inscreveu. Foi sua primeira victoria. Foi nomeado por Decr. de 13 de Junho, tomando posse em 26 do mez seguinte. Nessa Cadeira

revelou-se ainda o que era: um espirito culto, uma intelligencia lucida, estando a par da evoluçao dessa parte da sciencia medica, que não pode ser descuidada.

Depois desse concurso entrou em varios outros, para substituto, sendo em todos elles approvedo, pois em todos elles se mostrou preparado, não temendo os embates que podessem apparecer.

Por ultimo, foi Lente de Hygiene, e transferido, por permuta, para a de Medicina Legal, onde a seu pedido, ficou em disponibilidade, por Decr. de 10 de Junho de 1925.

O Dr. Josino Cotias foi casado com D. Maria Luiza Correia Cotias, fallecida. Deixou 4 filhos e 14 netos.

São seus filhos: Dr. Arthur Cotias, medico legista e docente-livre da nossa Faculdade; D. Alice Cotias Lebre, viuva, e as Senhorinhas Algesira e Aurea Cotias.

Foi sepultado, no dia seguinte ao de sua morte, no *Cemiterio do Campo Santo*. Em nome da Faculdade, falou á beira do seu tumulo, com palavras sentidas, o seu collega Prof. Dr. Estacio de Lima.

O Dr. Cotias era homem bom, cavalheiro distincto e professor optimo. Não tinha odio, nem guardava rancores. Não se zangava; dotado de um genio calmo, era um philosopho, seguindo os ditames de seu coração, relevava culpas. Os seus alumnos o estimavam. Não era ambicioso, por isso não deixou fortuna. Era caritativo, não fazendo clinica remunerada.

Pertencia a varias associações e foi irmão da Santa Casa de Misericordia, occupando o cargo de Definidor.

Foi Lente Cathedratice de Chimica no *Gymnasio da Bahia* e um dos fundadores da *Escola Commercial*, desta Cidade, tendo a seu cargo o ensino de Chimica.

A Faculdade, assim que teve noticia do seu fallecimento, mandou hastear a sua bandeira á meio páu, suspender o expediente e depositar em seu caixão uma capella, com significativos dizeres.

Na primeira sessão de Congregação após o seu fallecimento, foi lançado na acta um voto de pezar e saudade, pelo desaparecimento do estimado professor, que honrou a sua Cathedra, como um sabio que foi, embora não apregoasse os seus conhecimentos, que eram variados. Em qualquer ramo da medicina que fosse consultado demonstrava que não era um simples *dilettante*. (\*)

---

### A oração do Prof. Estacio de Lima, junto ao tumulo do Prof. Josino Cotias, em nome da Congregação

«Antigamente — escreve o grande classico lusitano — antigamente, passava o talento quasi proscripto por entre as multidões ciosas ou indifferentes. Hoje, a gloria offuscando nas ondas de sua luz purissima as maculas da inveja, não espera que o cypreste enrame o tumulo dos grandes para entretecer os goivos funerarios na radiosa corôa de loiros. Era a sabedoria, outr'ora, como uma loucura sublime que trazia arredadas as turbas suspeitosas e descrentes».

E na alma desse homem que se afasta, neste instante, definitivamente, do nosso convivio ardia a lampada magnifica de um talento impar que poderia tê-lo conduzido ás culminancias da gloria. Elle, porem, sempiterno bohemio da intelligencia, encarando a vida por aquelle prisma que deve ser o melhor de todos, na opinião do artista famoso do Quincas Borba, mostrou-se indifferente e esquivo ás seducções da gloria.

---

(\*) As notas acima, sobre o Prof. Josino Cotias, devemos-as á obsequiosidade do Snr. Anselmo Pereira de Albuquerque, amannense da Faculdade de Medicina, — fructo do esforço a que se dá de organizar o archivo biographico dos grandes servidores daquella Casa.

Na existencia humana ha duas estradas unicas, mas oppostas, a seguir: aquella das lagrimas de Heraclito, e outra—a do riso de Democrito. Não se concebe meio termo: a indiferença, completa, sómente a encontrareis na loucura, ou na morte.

Então, quando, no começo, os dois rumos lhe surgiram pela frente, Josino Cotias não quiz perlustar o primeiro, o caminho das lagrimas, o caminho do pranto. . . Seguiu a lição de Democrito, e nunca mais desmanchou um sorriso dos labios.

Eu o vi, certa vez, arrebatado, ardente, falar dos milagres da mechanica celeste. E o erudito surgia vestindo as vestes do orador magico. Faz isso quasi treze annos. Quando mais presos nos sentiamos ao seu verbo, e encantados, e commovidos, o mestre interrompe a oração, ironiza docemente o auditorio—pobres vestibulandos que eramos—não proseguindo nas considerações que o iam conduzindo a uma triste philosophia da vida.

Sempre lhe admirei a organização espirital, porque embora um eterno sonhador, nunca perdeu aquelle septicismo necessario aos homens de estudo. São talvez, para muitos, antagonicos a illusão e o septicismo. Elle porem, harmonisava, singularmente, ambos os attributos.

Muitas vezes deve ter sido, ou deve ter ficado incomprehendido na sociedade. É que em situações difficeis ainda se mostrava alegre e o pranto não lhe escoava das faces facilmente.

Mas o divino Vieira já houvera pregado: «Ha chorar com lagrimas, chorar sem lagrimas e chorar com riso: chorar com lagrimas é signal de dôr moderada; chorar sem lagrimas é signal de maior dôr; e chorar com riso é signal de dôr summa e excessiva».

Elle de certo, escolheu o melhor caminho da vida. Bom, immensamente bom, sabia ser generoso, sabia ter piedade e amor, não perdendo, porem, aquella communicativa alegria,

aquella bonhemia do espirito, aquella pontinha de ironia que não fere...

Pouco se lhe dava na existencia a gloria. Talento formoso, erudição vasta, engenho inegavel, elle que se poderia ter imposto, victoriosamente, aos contemporaneos, preferiu a vida vivida como viveu.

Mas foi um grande professor, sentindo-se sempre attra-hido pelo magisterio. Ensinou desde os 15 annos de idade. E no collegio que dirigiu, no Gymnasio da Bahia, ou em nossa Faculdade, o mestre era o mesmo elegante na palavra idolatrado pelos alumnos e constantemente cercado pela juventude.

Encaneceu, envelheceu, marchou para a morte, nunca, porem deixou de procurar uma roda de moços, onde expandisse o genio folgazão, o temperamento alegre que possuia.

Foi a mocidade a sua grande paixão da vida.

O homem da familia, dedicado até o sacrificio, tambem sabia ser amigo nas horas difíceis. Foi outrosim, um luctador tenaz, a despeito daquella bohemia toda. Os seus concursos, —sempre muito bons— põem em relevo seu espirito de tenacidade e coragem magnificas.

.....  
Desce tranquillo ao tumulo, tu —mestre querido— que soubeste cumprir sorrindo, todos os deveres.

Repousa, agora, no seio sereno da morte das lides que pelejaste, sorrindo.

Dorme na certeza certa de que outros que passaram mais ruidosamente na vida, cairão mais cedo que tu, no olvido.

A morte sempre tão lugubre, tão fria e tão triste, não apagará entretanto, assim, a tua estremecida lembrança, que evocaremos com uma saudade sem ruidos, brandamente, suavemente, docemente. . .

Adeus».

---

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

---

*Imprensa Medica*, Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1929 e 5 de Dezembro de 1929.

*La Prensa Medica Argentina*, Buenos Aires, 20 de Novembro de 1929 e 10 de Dezembro de 1929.

*Revue Française de Gynecologie et d'Obstétrique*, Paris, Outubro de 1929.

*Revista Medico-Cirurgica do Brasil*, Rio de Janeiro, Outubro de 1929.

*La Semana Medica*, Buenos-Aires, ns. 47, 48, 49 e 50—1929.

*Sciencia Medica*, Rio de Janeiro, Novembro de 1929.

*Jornal dos Clinicos*, Rio de Janeiro, 15 e 30 de Novembro e 15 de Dezembro de 1929.

*La Medicina Argentina*, Buenos Aires, Novembro de 1929.

*Ars Medica*, Barcelona, Novembro de 1929.

*Gazeta Clinica*, S. Paulo, Outubro de 1929.

*Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, Rio de Janeiro, ns. 1 e 2 de 1929.

*Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia de S. Paulo*, Novembro de 1929.

*Archivo de Biologia*, S. Paulo, Setembro e Outubro de 1929.

*S. Paulo Medico*, Setembro e Outubro de 1929.

*Revista de Biologia e Hygiene*, Fasciculo IV—1929.

*Bulletin of the New York Academy of Medicine*, Outubro e Novembro de 1929.

*The Rockefeller Fondation*, Relatorio annual de 1929.

*Archivos Brasileiros de Medicina*, Rio de Janeiro, Outubro de 1929.

*Archivo do Instituto Biologico*, S. Paulo, Vol. II—1929.

*L'Immunité*, Paris, 1.º de Novembro de 1929.

*Annaes de Medicina Homeopathica*, Março a Junho de 1929.

*La Rassegna di Clinica, Terapia e Scienze Affini*, Roma, Setembro e Outubro de 1929.

*Le Nord Médical*, Lille (França) 1.º e 15 de Novembro de 1929 e 1.º de Dezembro de 1929.

*Revista de Gynecologia e d'Obstetricia*, Rio de Janeiro, Novembro de 1929.

*Jornal de Medicina de Pernambuco*, Novembro de 1929.

*Revista Medica Latino-Americana*, Buenos-Aires, Novembro de 1929.

*Revista de Especialidades*, (Crónica das Sessões) Buenos-Aires, Setembro de 1929.

*Vida Nueva*, Habana-Cuba, 15 de Outubro de 1929.

*Bulletin et Mémoires de la Soc. des Chirurgies des Paris*, Sessões de 18 de Outubro de 1929 e 5 de Novembro de 1929.

*Le Monde Medical*, Paris, 1.º de Dezembro de 1929.

*Pediatria Pratica*, S. Paulo, Setembro de 1929.

*Rassegne Clinico Scientifico*, Milano, 15 de Novembro de 1929.



**OUATAPLASMA**  
do Doutor **E. LANGLEBERT**  
Curativo emolliente aseptico instantaneo

**ABCESSOS, ECZEMAS, PHLEBITES, INFLAMMAÇÕES DA PELLE**

DEPOSITO GERAL : 10, Rue Pierre-Ducreux, PARIS. — E em todas as Pharmacias.